



UMA INTERVENÇÃO COM PLANO DE ENSINO INDIVIDUALIZADO EM CONTEXTO CLÍNICO: EXPERIÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM ARTE EM MODELO HÍBRIDO

Larissa Guilherme Pessoa de Assis e Souza ¹
Natália de Sousa Antunes²

INTRODUÇÃO

O plano de ensino individualizado (PEI) é um planejamento com objetivos específicos, a curto e longo prazo, para alunos que apresentam demandas no processo de ensino e aprendizagem, muitos destes sendo público-alvo da Educação Especial. O PEI sinaliza os recursos pedagógicos direcionados às fragilidades e potencialidades da criança, focalizando na conquista de suas habilidades escolares. Esse processo precisa ser vivenciado em uma ação colaborativa, envolvendo os pais, os professores e outros profissionais que estejam acompanhando a criança, seja no espaço clínico ou escolar. Nesse prisma de análise, levando em consideração a importância do estudo e da formação em práticas inclusivas na educação da infância, este trabalho está vinculado a um curso de extensão promovido pelo Núcleo de Educação da Infância- NEI da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no segundo semestre de 2020. O curso, realizado de forma remota, contemplou a interface ensino de arte e práticas inclusivas na infância, sendo direcionado para profissionais da área da educação. Ao final do curso os cursistas foram orientados à realização de uma intervenção pedagógica implementando os conteúdos apreendidos na formação em suas respectivas salas de aula, ou espaços de atuação, em nosso caso, a clínica. Nesse contexto, a intervenção foi gestada em modelo híbrido, ou seja, a atuação foi mediada via meet e google docs e a intervenção foi realizada no contexto clínico de atuação das cursistas, de forma separada, com duração de 50 minutos, com os pacientes em questão. Por fim, houve a

¹ Graduanda pelo Curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte- UNIRN, larissapessoa4483@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, Neuropsicopedagogaliaantunes@gmail.com;





troca de experiências, observações e conteúdos identificados no contato com seus respectivos pacientes.

Como objetivo geral, buscou-se realizar uma intervenção psicopedagógica com crianças com deficiência no contexto clínico/terapêutico com ênfase nas Artes Visuais. Em relação aos objetivos específicos, buscamos explorar a criatividade, a expressão de pensamentos e sentimentos, bem como desenvolver funções executivas como a atenção, memória e orientação espacial.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Como metodologia, realizou-se um diálogo de forma lúdica com os pacientes, questionando-os se conheciam ou se já haviam produzido uma mandala. Dessa maneira, apresentamos a mandala contando-lhes sobre sua história a estrutura, destacando os elementos da linguagem visual como linhas, cores e formas. Nesse fim, após a conversa, realizou-se a parte prática da atividade artística com a mandala, utilizando materiais como tinta guache (em cores variadas); papel colorido (picado previamente); pedaços de EVA coloridos; pincel; cola; lápis de cor ao alcance das crianças.

Trata-se de um estudo metodológico e descritivo, utilizando como prática a arteterapia e a arte visual como prática no contexto clínico. O estudo descritivo tem por finalidade descrever situações, analisando características, sem a interferência do pesquisador. Trata-se de um relato de experiência de uma proposta de intervenção de um Plano de ensino Individualizado fundamentado no ensino e modelo de aprendizado híbrido.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao descortinarmos o cenário atual do uso da arte na educação, sabemos que há um passado que marginaliza as práticas pedagógicas com arte e que isso ainda se reverbera nos espaços educacionais e escolares, mas que muitos avanços já foram angariados. Acerca disso, a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB), garante o ensino da arte como um direito no Brasil (FEDERAL, 1996).

Na perspectiva da educação inclusiva, considera-se que o conhecimento, quando co-construído, então, de maneira criativa, dinâmica e individualizada, fazendo-se





funcional à realidade do sujeito, torna-se uma ferramenta de transformação social, haja vista que promove autonomia e emancipação, rompendo com a lógica que mantém as relações de poder (VIGOTSKI, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade realizada com o paciente x, de 2 anos e 5 meses, foi desenvolvida na quarta-feira, 16/12/2020 pela manhã, em sua casa. Este tem o diagnóstico de Transtorno de Espectro do Autismo (TEA) de CID 10 - F84.1, apresentando atrasos no que se refere à linguagem, relação interpessoal e autonomia. Foi observado maior interação e vínculo terapêutico entre a Assistente Terapeuta (AT) e o paciente x, que apresenta comportamentos de esquiva. Durante a atividade, observamos também a diminuição de seu comportamento de controle. Por fim, registramos a alta magnitude de regulação que têm o manejo de tinta para o paciente x, ampliando seu contato para as cores e texturas, uma vez que este apresenta questões de hipersensibilidade sensorial.

A atividade de produção da mandala foi realizada com o paciente Y, de 9 anos, na quinta-feira, 17/12/2020 pela manhã, no horário do atendimento neuropsicopedagógico na clínica CEIT. O paciente tem diagnóstico de hidrocefalia CID 10 - G 91 e Epilepsia. Está em processo de análise de diagnóstico para TEA (Transtorno do Espectro do Autismo). Dessa forma, apresenta atrasos na aprendizagem devido ao excesso de tempo em internações para procedimentos cirúrgicos e clínicos. Sob nossa mediação, o paciente pode conhecer a história da mandala e reconhecer as formas geométricas de sua estrutura. Depois da conversa, a atividade foi realizada sem muita interferência da profissional. Enquanto produzia a mandala, o paciente Y, demonstrou alegria e satisfação ao desenvolver o exercício, afirmando ter sido “o melhor dia da terapia”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência incubiu-se de contribuir para a prática com crianças que possuem Necessidades Educacionais Especiais a partir do PEI, no contexto clínico. Diante do trabalho realizado foi possível perceber que o uso da Mandala fortaleceu o vínculo terapêutico e possibilitou avanços nas habilidades que foram tracejadas para a





atividade da mandala, por meio do PEI. Nesse sentido, sua elaboração envolveu uma avaliação diagnóstica com os pacientes e diálogo com os professores e com as famílias das crianças. Sendo assim, concluímos que é necessário estudo, pesquisa e formação em práticas inclusivas, garantindo a permanência do PEI nos espaços escolares e clínicos, evitando que este caia em desuso. Nesse fim, aponta-se ainda que as duas crianças construíram reações positivas com a sessão a partir da afinidade desenvolvida com a atividade, dessa maneira, quando a aprendizagem é afetiva, torna-se mais fácil o processo de ensino-aprendizagem. Por fim, encaminha-se que o trabalho terapêutico nesse contexto deve ter um PEI para que seja possível acompanhar o paciente, analisar seu desempenho e pensar em novas estratégias de ensino para que este consiga alcançar novas habilidades.

Palavras-chave: PEI: Clínica, Educação Inclusiva, Arteterapia.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos docentes que durante o curso compartilharam suas experiências com todos e retomaram em nós o fôlego necessário para um processo de ensino-aprendizagem funcional, isto é, que o mesmo se dê de forma afetiva. Levaremos o conhecimento para as nossas práticas, assim como no que tange nosso contato com qualquer outro ser humano, especialmente que seja Pessoa Com Deficiência, dessa forma, diminuindo a nossa ignorância no assunto e aumentando a nossa capacidade de transformação social.

REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. CID-10 : **Classificação Internacional de Doenças**. São Paulo : EDUSP, 1994, 1ª ed.

ARCURI, G. I. ; DIBO, M. **Arteterapia e Mandalas uma abordagem Junguiana**. São Paulo: Vetor, 2010.

GOLINELI, R.; SANTOS, W. A. (2002) **Arteterapia na educação especial**. Goiânia: Golineli & Santos.





São Paulo: Saraiva, 1996. BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 128 p. (1). Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes.

